

## CONHECENDO SOCIOLINGUÍSTICA

Eliabe Procópio<sup>1</sup>  
Elisa Coimbra Rodrigues<sup>2</sup>

COELHO, Izete; GÖRSKI, Edair; SOUZA, Cristiane; MAY, Guilherme. *Para Conhecer Sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2015.

*Para Conhecer Sociolinguística* (2015) é livro integrador da coletânea PARA CONHECER. Escrito e organizado por quatro especialistas na área social da linguística, pode ser considerado como um verdadeiro achado para estudantes da área; não obstante, para quem não conhece a Sociolinguística também se faz necessário. O livro está esquematizado em quatro capítulos, que vão desde apresentação de conceitos básicos da Sociolinguística (SL) a orientação metodológica a pesquisas na área. É uma apresentação completa de um leque amplo, e que consegue em sua totalidade permanecer enxuto e conciso.

O primeiro capítulo se inicia explicando a que se veio antes de se enveredar por conceitos; o sujeito necessita se desfazer de noções erroneamente pré-concebidas acerca da língua. Esta não é estanque como afirmou Saussure. Seu processo de variação e mudança é constante e não se cristaliza em estruturas finalizadas.

Em um segundo tópico, aparece a primeira das várias conceituações de Sociolinguística: é a área que estuda a relação entre a língua que falamos e a sociedade em que vivemos e que se permite olhar sob diferentes perspectivas para esta relação. Ao passo que demonstram o quão abrangente pode ser a SL, a obra afunila seu campo de estudo. Este se aterá ao viés mais destacável da área, a SL Variacionista, que tem como seu expoente William Labov. O livro se inicia com explicações detalhadas, de forma que para um leitor mais experiente, principalmente que já esteja familiarizado com

---

<sup>1</sup> Mestre em Linguística (UFC); professor assistente na Universidade Federal de Roraima. E-mail: eliabeprocopio@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Discente de graduação em Letras, UFRR; disciplina Discurso, produção de textos e hipertextos ministrada por Ms. Eliabe Procópio. E-mail: elisa\_crodrigues@hotmail.com

alguns conceitos, pode ter a impressão de uma narrativa lenta, que pega pela mão ao que nada conhece sobre a área.

A variedade, segundo os autores, é a fala característica de um determinado grupo e a variedade culta não é apenas uma, mas sim as várias existentes em um catálogo riquíssimo de variação que é a Língua Portuguesa. O livro faz uma ressalva muito cara à SL ao dizer que o dialeto estará destituído da estigmatização. É preciso ultrapassar conceitos que marginalizam os dialetos que são muito diferentes da chamada língua standard. Ainda em suas páginas iniciais, encontra-se o conceito de variação linguística, "o processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto com o mesmo valor referencial/representacional, isto é, com o mesmo significado" (p. 16).

Variável é o lugar na gramática na qual se encontra a variação, e variantes são as "formas que 'disputam' pela expressão da variável" (p. 17). Para explicar as variantes padrão e não-padrão, os autores se blindam contra reprimendas ao utilizarem termos como variedade culta, pois esse tipo de expressão é utilizado em massa em obras que pretendem normatizar a língua (o que não é a intenção desta obra). Dizem eles que "as variantes padrão são, grosso modo, as que pertencem às variedades cultas da língua; já as variantes não padrão costumam se afastar dessas variedades" (p. 18). Esse tipo de ressalva, inclusive, ocorre ao longo de todo o texto. É a própria defesa ao se utilizarem destes termos e leva o leitor a pensar se já não estaria na hora de substituí-los para diversos fins, desde o que se liberta desta necessidade em se defender ao que desconstrói anos da estigmatização obstinada aos dialetos.

Ao explicar a variação dentro das demais áreas, os autores acabam por exigir demasiada atenção do leitor, grafando exemplos que precisarão ser retomados nas páginas seguintes. Mas é na variação sintática que se encontra um dos pontos negativos do estudo: é proposto para análise a posição do clítico nas frases "eu o vi no cinema" e "eu vi-o no cinema". Observando a posição do clítico, como habitante da região Norte, não há identificação com "eu vi-o no cinema", que como conclusão fica proposto ser a forma considerada mais correta pelos sudestistas. No Norte, um falante escolarizado, quando muito, reproduz "eu o vi no cinema". Comumente sequer existe o clítico, pois que a forma corrente é "eu vi ele no cinema".

Esse é o primeiro e bem presente ponto de carência no livro; e não é algo que melhora, pois que o livro inteiro baseia-se em estudos feitos nas regiões do Sudeste, Sul,

Centro-Oeste e, quando muito, Nordeste. Isso demonstra a carência de estudos destinados à região Norte. Estando as pesquisas sociolinguísticas bem solidificadas, já passa da hora de torná-las homogêneas e democratizá-las a todas as regiões do país.

Numa perspectiva extralinguística, a variação é abordada em quatro aspectos: variação diatópica, diastrática, diafásica e diamésica. Neste ponto, a obra explora a relação identitária que o falante tem com as formas de variação. A explicação para a variação diatópica é precisa: "a responsável por podermos identificar, às vezes com bastante precisão, a origem de uma pessoa pelo modo que ela fala" (p. 38). Os autores enfatizam a importância da descaracterização da variação diatópica; em uma reflexão mais profunda que o livro nos provoca, pode-se inclusive imaginar que a utilização da variação diatópica é como uma porta de entrada para os preconceitos que envolvem a variação linguística, preconceitos estes que a SL faz questão de não apenas fugir, mas desconstruir.

Sobre a variação diastrática é ressaltado os condicionadores sociais atuantes no segmento: grau de escolaridade, nível socioeconômico, sexo/gênero e faixa etária. Os autores concluem utilizando estudos que apontam isto: quanto maior o nível de escolaridade de uma pessoa, menos ela está propensa a cometer 'erros' entre número e gênero. Este exemplo pode ser encontrado facilmente na prática, até mesmo com os menos escolarizados. Dificilmente estes diriam "a meninas". Acerca do condicionador nível socioeconômico, apresentam os resultados do estudo de Labov: "apontam que o grupo social menos privilegiado favorece o uso de variantes não padrão da língua, enquanto os mais privilegiados optam pela variante padrão." (p. 41). Existe também uma relação entre este fator e a ocupação dos falantes e uma diferenciação estilística.

A variação estilística concerne à adequação da fala às diferentes circunstâncias em que o indivíduo está exposto, logo está diretamente ligada às relações de poder. O livro aborda a questão de o vocabulário ser flexível, já que é preciso saber adequá-lo a diferentes contextos sociais. Não obstante, explica a variação diamésica por meio da etimologia da palavra, que significa "entre meios". Esta variação diz respeito à discrepância entre fala e escrita. Enquanto um texto falado é mais fluido, um texto escrito poderia perder esta característica, pois é mais ensaiado em vista que há um maior planejamento em sua execução. O texto escrito também se vincula mais à norma

standard da língua. Para abordar a dicotomia variação e identidade, citam o estudo de Labov em Martha's Vineyard:

(...) Chegou a resultados que indicaram que a identidade dos falantes, em termos de sentimento de pertencimento a um local, a um povo ou a uma cultura (entre outros fatores), pode se mostrar como um condicionador extralinguístico que motiva a variação linguística. (p. 50).

A esta altura da leitura fica evidente a utilização em massa dos estudos de Labov, o que pode ser muito bem explicado pelo fato do teórico ser um expoente na SL quantitativa. Neste ponto se encontram dois aspectos, um positivo e um negativo: há uma aproximação entre Língua Inglesa e Portuguesa, para quem está familiarizado com aquele idioma é uma proposta interessante; entretanto, ao mesmo tempo em que aproxima, faz-se quase obrigatório ao leitor ter conhecimento do Inglês posto que se não souber o que o exemplo inglês quer dizer, dificilmente entenderá o que os autores estão propondo.

O segundo capítulo do livro se atém a explicar, em linhas gerais, mas de forma satisfatória, a Teoria da Variação e Mudança (TVM), pensada por William Labov, Uriel Weinreich, e Marvin Herzog. Utilizando inúmeras referências, o que faz do livro em si um manual riquíssimo em referencial teórico, abordam a contextualização histórica para introduzir a TVM, que, segundo os autores, é a própria Sociolinguística de modo “empiricamente orientado”, explicando o propósito da TVM:

Os pontos fundamentais nessa abordagem são a presença de um componente social na análise linguística e a noção de língua como sistema heterogêneo. (...) Em suma, a Sociolinguística se ocupa da relação entre língua e sociedade e do estudo da estrutura e da mudança linguísticas dentro do contexto social da comunidade de fala. (p. 50).

Apontam que mesmo que a língua seja um sistema heterogêneo, não se pode concluir a ausência de regras arregimentando-a, “pois a SL vê a língua como um objeto dotado de heterogeneidade estruturada – logo, há regras, sim” (pg. 50). Para explicar a TVM e seus princípios, usaram-se tópicos explicativos divididos em dois conjuntos.

A topicalização facilita o entendimento ao leitor, ademais que é nesta parte que se encontra o ponto alto do texto, que explica a maior diferença da SL de outras áreas

linguísticas: seu caráter social. Os autores compilam, praticamente, todos os pontos que o implicam, que o diferenciam e o tornam tão caro ao estudo integralizado. Junto a isto, ainda adicionam de forma satisfatória os problemas empíricos que a TVM enfrenta, fazendo-se assim um capítulo completo sobre tal teoria. Estes problemas são cinco: problema da restrição, problema do encaixamento, problema da transição, problema da avaliação e problema da implementação. Todos estes problemas foram propostos pelos teóricos da TVM, e auxiliam o conjunto empírico da pesquisa sociolinguística.

O capítulo seguinte se caracteriza pela metodologia de uma pesquisa sociolinguística. Os autores pretendem orientar por meio de passos importantes a pesquisa, mas indicam que não se objetiva que o leitor tome tais orientações como um manual que deve ser minuciosamente seguido. Apesar da intenção de não se firmarem como manual, as dicas acabam se consolidando como cruciais para quem ainda não tem contato com a pesquisa sociolinguística, de forma a não imprimir tanta crítica às orientações.

Para os autores, além de estar consciente de todos os conceitos gerais da Sociolinguística tratados nos capítulos anteriores, o primeiro passo é ir em busca dos informantes que irão ser definidos como comunidade de fala. Estes informantes fornecerão dados, e deverão representar a comunidade na qual estão inseridos. Em seguida, é necessário coletar os dados, o que pode ser feito por meio da observação direta de vários formatos de entrevista. Neste tópico, há uma verdadeira demonstração do grande conhecimento dos autores e a intenção do livro. A orientação sobre os tipos de entrevista é minuciosa, e conta em como obter uma resposta da maneira mais natural do informante. É aí que se encontra a explicação sobre fala monitorada e a fala casual.

Também é neste capítulo que são encontrados diversos dados de diferentes estudos linguísticos desenvolvidos no Brasil. Continuando a orientação à pesquisa, há o envelope da variação, ou seja, quando o pesquisador irá descrever com minúcia a variável, as variantes, o contexto etc. Não obstante, os autores incentivam a leitura de estudos que se tratem da área em que o pesquisador irá trabalhar, contribuindo para o desenvolvimento de pesquisas completas e eficientes.

A última parte do livro se concentra na variação no ensino da língua. É bem caro aos pesquisadores, e inclusive aos estudantes, calouros ou veteranos, o enfoque do último capítulo, pois é no ensino da língua, e principalmente na forma como ocorre esse

ensino, que a Sociolinguística se sedimenta como um pilar importante que irá desconstruir o que o mau ensino instituiu. Destacam a dicotomia norma culta versus diversidade. Desta forma, apresentam-se alguns dos conceitos de norma culta, norma curta e norma padrão retirados de Faraco (2008), que afirma que a norma culta não se mantém consolidada no passado, mas busca se inovar sempre. É cabe a escola apresentar todos os tipos de normas, e orientar o aluno a fim de que ele desenvolva suas habilidades sociocomunicativas com o propósito de que saiba discriminar como e quando utilizar certas formas.

Os autores vão além quando denunciam a obstinação de alguns teóricos em defenderem a língua em seu caráter padrão e criticarem duramente quem a ela não se adequa. Muito semelhante ao que faz Bagno (1999), em sua obra *Preconceito Linguístico: o que é, como faz?*<sup>3</sup>. Os autores dão uma verdadeira aula sobre como os grandes teóricos conservadores só contribuem para crescer o valor da Sociolinguística, não somente na desconstrução dos preconceitos, mas também na construção de uma nova concepção acerca da língua que deve ser valorada em todas as suas variações.

O livro oscila em seu ritmo narrativo, o que pode ser negativo conforme o interesse do leitor. Outros aspectos negativos podem ser: o uso excessivo do Inglês e a carência total de dados referentes ao Português falado na região Norte. É um livro quase obrigatório a alunos da graduação, ao passo que auxilia em duas vertentes: a valorização de mestres e doutores brasileiros e apresentação da Sociolinguística com grande êxito. Com narrativa acessível a qualquer aluno da área e seu recheio com as mais diversas referências, o que faz *Para Conhecer Sociolinguística* é mais do que apresentar conceitos gerais: incentiva e orienta na construção de teóricos descentes, que estudam a área reconhecendo seu potencial como objeto de estudo e devem respeito ao próximo provando que no aspecto linguístico não poderia ser diferente.

Recebido em 14/04/2016.

Aprovado em 08/05/2016.

---

<sup>3</sup> BAGNO, Marcos. *Preconceito Linguístico: O Que é, Como se faz*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1999.